



## **AGRADECIMENTOS**

Com a finalização deste Relatório Final de Estágio não posso deixar de agradecer a algumas pessoas que, direta ou indiretamente, me ajudaram nesta caminhada tão importante da minha vida.

Em primeiro lugar, agradeço a orientação que a Professora Doutora Liliansa Castilho me disponibilizou, sempre, durante a elaboração do presente Relatório.

Aqui presto também o meu agradecimento ao Professor Doutor João Nunes, por se mostrar disponível para me ajudar.

Obrigada aos dois por todas as críticas e todos os conselhos.

Às minhas amigas e colegas, Liliansa Martins, Ana Rute Pedro, Sofia Rocha, entre outros que sabem quem são e que estiveram ao meu lado durante esta fase, pela força e apoio em certos momentos difíceis.

Por último, tendo consciência que sozinha nada disto teria sido possível, dirijo um agradecimento especial aos meus pais, por serem modelos de coragem, pelo seu apoio incondicional, incentivo, amizade e paciência demonstrados e total ajuda na superação dos obstáculos que ao longo desta caminhada foram surgindo. A eles dedico este trabalho.

## RESUMO

Com a elaboração deste Relatório Final de Estágio propomo-nos atingir dois objetivos principais: fazer uma reflexão crítica sobre a Prática de Ensino Supervisionada (PES) realizada ao longo do segundo e terceiro semestres do Mestrado e compreender o modo como o significado do Natal é trabalhado na educação pré-escolar assim como perceber se os educadores acham importante este trabalho.

Para construir de forma fundamentada uma reflexão crítica sobre a Prática Supervisionada, utilizámos material elaborado durante o estágio, como planificações e relatórios críticos, assim como recorreremos a legislação, com o intuito de refletirmos sobre o nosso desempenho ao longo da prática pedagógica; também nos debruçámos sobre as perspetivas dos educadores sobre a importância de trabalhar o significado do Natal na educação pré-escolar.

Para que tal fosse possível, realizámos um estudo qualitativo, onde utilizámos o inquérito por entrevista para a recolha de dados. O guião de entrevista semiestruturada, por nós elaborado foi aplicado a educadores de jardins-de-infância do concelho de Viseu.

Com os dados recolhidos podemos concluir que, em geral, os educadores ao trabalhar o Natal têm em atenção o seu significado e não descaram pontos essenciais para estes futuros cidadãos, tais como os valores subjacentes a esta festividade, assim como valores associados à família. É importante salientar que os educadores mostraram ter cuidado com as questões da multiculturalidade nas suas salas de atividades, respeitando cada criança e a sua cultura.

**Palavras-chave:** Multiculturalismo, Natal, Simbolismos, Educação Pré-Escolar.

## **ABSTRACT**

With the writing of this Final Internship Report we intend to achieve two main objectives: a critical reflection on the Supervised Teaching Practice (STP) held during the second and third semesters of the Master and understanding the way the meaning of Christmas is worked on in Tarly Childhood Education as well as to understand if teachers feel this work as important and meaningful.

To draw up in a substantiated manner a critical reflection on the Supervised Practice, we used materials developed during our internship as well as lesson plans and critical reports, as well as recourse to law, in order to reflect on our performance over the pedagogical practice; we also went through the perspectives of educators about the importance of working the meaning of Christmas in Tarly Childhood Education.

To make this possible, we conducted a qualitative study, on which we used the interview survey for data collection. The script of semistructured interview developed by us was applied to educators in schools of the municipality of Viseu.

With the collected data we can conclude that, in general, teachers when working the Christmas theme, have in mind its meaning, even though not doing so with a heavy religious charge taking into account the age group of the children they are working with, they do not neglect essential aspects important for these future adult citizens, such as the underlying values to this festivity, as well as the values associated with family and its traditions. Not less important, educators showed to be careful with issues of multiculturalism in their school class activities, respecting each child and their culture.

**Keywords:** Multiculturalism, Christmas, Symbolism, Tarly Childhood Education.

# Sumário

INTRODUÇÃO GERAL .....	6
PARTE I - REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE AS PRÁTICAS EM CONTEXTO .....	8
INTRODUÇÃO.....	9
1. Caracterização dos contextos .....	10
1.1. Contexto do 1º Ciclo do Ensino Básico.....	11
1.2. Contexto da Educação Pré-Escolar.....	13
2. Análise das práticas concretizadas na PES II e III .....	15
2.1. 1º Ciclo do Ensino Básico.....	17
2.2. Educação Pré-Escolar.....	19
3. Análise das competências e conhecimentos profissionais desenvolvidos..	22
3.1. 1º Ciclo do Ensino Básico.....	23
3.2. Educação Pré-Escolar.....	25
PARTE II - TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO .....	28
INTRODUÇÃO.....	29
CAPÍTULO I -REVISÃO DA LITERATURA.....	30
1. A diversidade cultural nas escolas.....	30
2. A legislação na educação pré-escolar: a cultura de cada criança.....	34
CAPÍTULO II - METODOLOGIA.....	38
1. Problema e objetivos de investigação.....	39
2. Tipo de investigação.....	39
3. Amostra e justificação da sua escolha.....	40
4. Técnicas e instrumentos de pesquisa.....	40
5. Procedimento .....	41
6. Análise e tratamento de dados .....	41
CAPITULO III - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	42
1.1 Análise de planificações implementadas.....	44
1.2 Análise das entrevistas realizadas às Educadoras.....	46
CONCLUSÃO .....	49
BIBLIOGRAFIA.....	52
LEGISLAÇÃO.....	53

APÊNDICES.....	54
----------------	----

## INTRODUÇÃO GERAL

O presente Relatório Final de Estágio foi realizado no âmbito das unidades curriculares de PES II e III do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º CEB, da Escola Superior de Educação de Viseu (ESEV).

Este relatório é composto por duas partes distintas, sendo que na primeira faremos uma reflexão sobre as práticas supervisionadas no segundo e terceiro semestres do curso, apresentando alguma informação pertinente acerca da nossa formação e na segunda parte apresentamos uma investigação que aborda o significado do Natal na educação pré-escolar. Com efeito, a primeira parte do trabalho inicia-se com uma reflexão crítica sobre as práticas em contexto, onde começamos com uma caracterização dos contextos onde estivemos inseridos, sendo eles a Educação Pré-Escolar e o 1.º CEB. De seguida, analisamos as práticas concretizadas novamente nos dois contextos, baseando-nos em planificações e relatórios, sendo estes documentos fundamentais na prática de qualquer docente uma vez que ajudam à preparação das dinamizações, assim como, posteriormente, à reflexão sobre as mesmas. Por último, faremos uma análise às competências e conhecimentos profissionais desenvolvidos, tendo por base os perfis de desempenho do Educador de Infância e dos Professores do 1.º CEB consignados nos Decretos-Lei nº 240 e 241 de 2001, de 30 de agosto.

Na segunda parte, é dada a conhecer uma investigação que tem como objetivo fulcral perceber de que forma é abordado o significado do Natal na educação pré-escolar, e se é dada importância a aspetos culturais, ou se meramente é dada ênfase a aspetos decorativos e superficiais. Perceber se os aspetos salientados têm uma interligação com o Natal de uma forma consistente, em que é dada importância e significados aos conteúdos das atividades ou se as atividades são baseadas só nas nomenclaturas associadas a esta época festiva.

Para iniciar esta investigação de uma forma adequada e organizada começamos por fazer uma breve contextualização sobre a diversidade cultural nas escolas para de seguida podermos compreender a influência deste fator no trabalho realizado na época festiva em questão. Fazemos também um levantamento da legislação na educação pré-escolar, para percebermos o que esta dita sobre as questões da cultura de cada criança.

Num segundo capítulo do trabalho damos a conhecer qual a metodologia utilizada na realização desta investigação, expondo de forma pormenorizada o problema em estudo e os objetivos, o tipo de investigação, a amostra utilizada e a justificação da sua escolha, as técnicas e instrumento de pesquisa, o procedimento e, por fim, a análise e o tratamento dos dados.

No terceiro capítulo apresentamos os resultados obtidos, a partir da análise de conteúdo da informação recolhida a partir de planificações que se restringem a dias de trabalho sobre o Natal.

No final, tecemos a conclusão da investigação realizada.

**PARTE I - REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE AS  
PRÁTICAS EM CONTEXTO**

# INTRODUÇÃO

Do Relatório Final de Estágio faz parte uma reflexão crítica do trabalho desenvolvido ao longo do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º CEB, sobretudo no que respeita às unidades curriculares de PES II e PES III, que decorreram ao longo do segundo e terceiro semestres.

Terminadas as intervenções nestes dois níveis de ensino, faz todo o sentido refletirmos sobre as nossas práticas, a fim de compreendermos que competências desenvolvemos ao longo destes semestres, assim como perceber onde tivemos mais dificuldades e pensar sobre o que poderíamos ter feito diferente para melhorar as nossas práticas no futuro.

Para apresentar esta informação, de forma clara e ordenada, esta reflexão encontra-se dividida em três partes. Na primeira, referimo-nos à caracterização dos contextos onde foram realizadas as nossas práticas de ensino supervisionadas, ou seja, ao contexto do 1.º CEB e ao contexto da Educação Pré-Escolar.

Seguidamente, é feita uma análise das práticas concretizadas, tanto no que respeita ao 1.º CEB, como à Educação Pré-Escolar, tendo por base os documentos elaborados ao longo do estágio, como planificações, relatórios críticos e projetos curriculares de turma.

Para finalizar esta secção reflexiva do trabalho, fazemos uma análise das competências e conhecimentos profissionais desenvolvidos ao longo das práticas nos dois níveis de ensino. Aqui teremos como base de reflexão os Decretos-Lei n.º 240/2001 e 241/2001, de 30 de agosto, que nos ajudarão a analisar as dificuldades encontradas, comparativamente com as competências definidas pelas Decretos-Lei já mencionados.

## **1. Caracterização dos contextos**

Ao longo do curso de mestrado, frequentámos várias unidades curriculares semestrais, no entanto, a PES está presente nos três semestres, assim como as Didáticas Específicas da Educação de Infância e do 1.º CEB.

No primeiro semestre, quando frequentámos a PES I tivemos possibilidade de conhecer de perto e dinamizar aulas/atividades nos dois níveis de ensino para os quais estamos habilitadas profissionalmente. Para além disso, pudemos escolher o grupo de estágio; no nosso caso, o grupo era composto por três elementos e manteve-se até ao final do curso. Ao grupo, para além da realização do estágio, couberam também outras funções, como a elaboração de planificações antes das intervenções, relatórios críticos após as intervenções e a elaboração do projeto curricular de turma.

Na PES II, já no segundo semestre, pudemos escolher entre estagiar no 1.º CEB ou na Educação Pré-Escolar, sendo que metade da turma permaneceu num nível de ensino e a outra metade no outro. Na PES III, inverteu-se a ordem de estágio. O nosso grupo optou por começar no 1.º CEB e, na PES III, prosseguiu para a Educação Pré-Escolar.

A possibilidade de realizar estágio nestes dois níveis só foi possível porque tivemos instituições de ensino que nos aceitaram como estagiárias. Visto que foram frequentadas duas instituições e dois contextos distintos, passamos a caracterizá-los, separadamente. Em primeiro lugar, caracterizamos o contexto do 1.º CEB, feito ao longo da PES II e, posteriormente, o contexto de Educação Pré-Escolar, realizado na PES III.

## **1.1. Contexto do 1º Ciclo do Ensino Básico**

A PES II foi realizada numa turma do 1.º ano do 1.º CEB, de uma Escola Básica pertencente a um Agrupamento de Escolas de Viseu. A turma era composta por 25 alunos, com idades compreendidas entre os seis e os sete anos.

A prática supervisionada foi realizada ao longo de treze semanas e desenvolveu-se em três dias por semana (segunda-feira, terça-feira e quarta-feira). Na primeira semana dois dias foram de observação e trabalho colaborativo com a professora cooperante. No primeiro dia da semana seguinte foi de intervenção em grupo e os outros dois dias foram de intervenção individual. As restantes onze semanas destinaram-se a intervenções individuais, repartidas pelos três elementos do grupo de estágio.

No início da PES II, foi-nos fornecido um calendário, que, para além da duração do estágio e da instituição educativa/cooperante com a qual iríamos trabalhar, continha também a indicação dos supervisores da ESEV que nos acompanhariam neste processo. No nosso caso, pudemos contar com a orientação de um professor da área das Ciências da Educação que nos observou várias vezes em todas as áreas curriculares, assim como um professor da área da Matemática que nos observou apenas na área referida.

Para além do apoio e orientação destes professores, pudemos sempre contar com a disponibilidade da professora cooperante que foi fundamental para as nossas aprendizagens neste contexto. É uma professora com muitos anos de serviço, que sempre se demonstrou preocupada com as aprendizagens dos alunos, apesar de estes acompanharem sem dificuldade os conteúdos abordados.

Os alunos não apresentavam grandes dificuldades na aquisição dos conhecimentos, o que revela empenho destes na aprendizagem. No geral, a turma era constituída por crianças muito irrequietas e bastante dinâmicas, carecendo, constantemente, de atividades muito diversificadas, lúdicas e bastante motivantes.

Durante a primeira semana de estágio, pudemos observar que a professora cooperante utilizava diversas metodologias. Durante as nossas intervenções seguimos as metodologias da professora, tentando lecionar de forma diversificada e lúdica. Como estivemos a trabalhar com um 1.º ano de 1.º CEB a introdução dos casos de leitura era constante e para tal a exploração teria de ser diversificada, num dos casos mais complicados utilizamos uma metodologia muito lúdica, assim com o recurso a um

fantoches de braço estabelecemos um diálogo estagiária/fantoches, este foi canalizado para apresentar os casos de leitura fazendo a revisão do caso de leitura anterior, o que ajudou a esclarecer a regra da utilização da cedilha. Posteriormente, e em todas as seções que se introduzia um caso de leitura, eram escritos no quadro palavras que contivessem esses casos de leitura. Esta era já uma metodologia que a professora titular da turma utilizava.

No final do estágio e através de diversas reflexões com a professora cooperante, pudemos notar que contribuímos para novas aprendizagens destes alunos, assim como ajudámos a combater algumas dificuldades. Um dos pontos em que notávamos alguma dificuldade na turma foi o trabalho em grupo. Assim utilizamos metodologias em que este tipo de trabalho seria fundamental, por exemplo, na área de matemática. Para combater esta dificuldade foram introduzidas tarefas matemáticas, o que inicialmente foi um pouco confuso e difícil de executar, pois os alunos não estavam habituados a partilhar ideias com os colegas. Ao longo da utilização desta metodologia as dificuldades foram sendo ultrapassadas e os alunos começaram a compreender as vantagens de partilhar e trabalhar em equipa.

Uma outra dificuldade apresentada pelos alunos era a demora a copiar frases do quadro para os seus cadernos. Para tentar minimizar esta dificuldade introduzimos uma nova metodologia. O exercício consistia em copiar, do quadro interativo, para o caderno do aluno algumas frases, para tal decidimos trabalhar frase a frase, assim cada frase era dividida em partes. Começávamos por mostrar a primeira parte da frase durante um tempo estipulado sendo pedido aos alunos que lessem para si próprio, posteriormente esta parte desaparecia e só aí os alunos poderiam escrever nos seus cadernos. O processo continuava parte a parte, frase a frase. O objetivo consistia em deixar de copiar as frases palavra a palavra, para que o tempo desta tarefa reduza e se rentabilize o tempo de aula.

## 1.2. Contexto da Educação Pré-Escolar

A PES III foi realizada no Jardim de Infância de um Agrupamento da área urbana de Viseu. Este estabelecimento de Educação Pré-Escolar é composto por quatro salas, cada uma com uma educadora responsável e uma assistente operacional a tempo inteiro, sendo que duas das salas possuem mais duas assistentes que acompanham apenas crianças com necessidades educativas especiais. Para além destas, o estabelecimento possui ainda quatro assistentes que estão responsáveis pela Componente de Apoio à Família (CAF). Esta instituição dispõe de uma sala destinada à CAF, um refeitório e um grande espaço exterior, onde as crianças brincam livremente em tempo de recreio.

O estágio foi realizado ao longo de dezasseis semanas, sendo que as duas primeiras foram de observação ao trabalho da educadora cooperante, duas semanas foram de intervenção em grupo, uma após as observações e outra na semana que antecedia as férias de Natal e as restantes doze semanas foram de intervenções individuais, sendo que cada elemento do grupo interveio quatro semanas. Durante as dezasseis semanas, a prática supervisionada desenvolveu-se em três dias por semana (segunda-feira, terça-feira e quarta-feira).

Ao longo deste estágio pudemos contar com o apoio da educadora cooperante e também com a supervisão de orientadores da ESEV, mais especificamente uma professora da área das Ciências da Educação que observava e nos ajudava a refletir sobre todos os aspetos relacionados com as nossas dinâmizações e com uma professora de Português que nos observava sobretudo em dinâmizações desta área.

O grupo com o qual foi realizada a nossa prática supervisionada era constituído por 25 crianças, com idades compreendidas entre os três e os seis anos. Duas das crianças estavam referenciadas com NEE, sendo autistas, uma outra estava a ser seguido com bastante atenção pela educadora visto apresentar um défice de expressão oral e motora.

De um modo geral, o grupo apresentava uma normal adaptação ao jardim de infância e a maioria das crianças era assídua e pontual. O grupo revelava respeito pelos outros, autonomia e interesse em participar de forma democrática na vida em grupo; no entanto, existia a necessidade de desenvolver a resolução autónoma de conflitos entre as crianças. Este grupo era bastante novo sendo a percentagem de crianças a frequentar o jardim de infância pela primeira vez bastante elevada.

No que respeita às atividades propostas, as crianças mostravam-se quase sempre interessadas e, nas atividades orientadas, apenas as crianças mais novas requeriam mais atenção e apoio do adulto, uma vez que as mais velhas eram bastante autónomas. Também em relação às crianças mais novas era notória a necessidade de desenvolver competências ao nível da motricidade fina e ajudá-las na definição da lateralidade. Nas restantes áreas pudemos notar o gosto em participar em jogos de grupo e jogos simbólicos, gosto em cantar e interesse por livros e atividades relacionadas com a leitura. Todas as crianças revelavam especial interesse pela área das ciências e, no que respeita às áreas de interesse existentes na sala de atividades, pudemos notar que a área da leitura era a menos requisitada, sendo as restantes requisitadas tanto por meninos como por meninas.

Em relação à rotina diária, esta encontrava-se bem definida, todas as crianças já a conheciam, mesmo as mais novas, o que as ajudava no decorrer do dia, pois sabiam o que podiam fazer em cada momento e podiam prever o que se seguia, tornando-se, assim, crianças mais seguras, que vão adquirindo autonomia, confiança e sentido de responsabilidade. Ao longo da rotina diária, marcada pelos jogos de mesa, acolhimento, atividades estruturadas/orientadas, relaxamento, atividades livres, existiam tanto momentos de atividades dirigidas, como autónomas.

## **2. Análise das práticas concretizadas na PES II e III**

A reflexão sobre a ação é uma tarefa que qualquer sujeito, seja qual for a sua profissão, deve ter em conta, pois só assim será capaz de compreender se essas ações foram apropriadas e como poderá melhorá-las.

Desta forma, um bom educador/professor tem de ser alguém reflexivo, capaz de refletir na ação e após a ação, pois só dessa forma poderá evoluir. Para tal é necessário criticar-se a si próprio e avaliar as suas próprias ações.

Scheffler (1968, p. 7), considera o seguinte:

os professores não podem restringir sua atenção apenas para a sala de aula, deixando que o contexto mais amplo e os propósitos da educação escolar sejam determinados por outras pessoas. Eles devem se responsabilizar ativamente pelos objetivos pelos quais eles se comprometeram e pelo contexto social nos quais esses propósitos podem prosperar. Se eles não quiserem se transformar em meros agentes do Estado, do exército, da mídia, dos intelectuais e burocratas, eles precisam determinar sua própria agência por meio de uma avaliação crítica e contínua de seus propósitos, as conseqüências e o contexto social.

Também refletindo sobre esta temática, Alarcão (1996, p. 8) defende que:

O professor tem de assumir uma postura de empenhamento autoformativo e autonomizante, tem de descobrir em si as potencialidades que detém, tem de conseguir ir buscar ao seu passado aquilo que já sabe e que já é e, sobre isso, construir o seu presente e o seu futuro, tem de ser capaz de interpretar o que vê fazer, de imitar sem copiar, de recriar, de transformar. Só o conseguirá se reflectir sobre o que faz e sobre o que vê fazer.

Ao longo deste período, refletir foi, para nós, uma tarefa fulcral. Pois, só desta forma, pudemos compreender o que já sabíamos e o que ainda tinha de ser melhorado de forma a contribuir para a formação dos alunos e das crianças.

No entanto, a reflexão feita ao longo da nossa formação acadêmica não basta e, importa agora, terminadas as práticas supervisionadas, olhar para trás e refletir sobre todo este percurso.

É baseando-nos na importância de refletir que, de seguida, apresentamos uma análise e reflexão acerca das práticas concretizadas nos dois níveis de ensino: 1.º CEB e Educação Pré-Escolar, tendo por base os documentos elaborados ao longo do estágio, como planificações, relatórios críticos e projeto curricular de turma.

## 2.1. 1º Ciclo do Ensino Básico

Para conseguirmos uma reflexão sobre as práticas no 1.º CEB, importa analisarmos alguns aspetos essenciais, como o tipo de trabalho que desenvolvemos, as opções tomadas e as áreas em que mais investimos, só assim poderemos compreender, de numa forma geral, como decorreu a prática supervisionada neste nível de ensino.

Apesar de existirem documentos que nos orientam acerca das horas que o professor deve lecionar determinada área curricular, percebemos, no início do estágio, que estas horas não eram cumpridas de forma rigorosa, pois a professora cooperante demonstrava mais preocupação em ir ao encontro das necessidades das crianças e onde estas mostravam ter mais dificuldades.

Ao longo do semestre, o grupo de estágio teve esta mesma preocupação com as necessidades e dificuldades dos alunos. Para isso, tentámos lecionar sempre de forma interdisciplinar, a fim de contribuir para o desenvolvimento das aprendizagens dos alunos. Por norma, utilizávamos o Estudo do Meio para captar a atenção dos alunos, pois era nesta área que se mostravam mais interessados e curiosos, para depois, a partir de textos e de questões feitas por nós, ou pelos próprios alunos, interligarmos com outras áreas curriculares que pretendíamos abordar. Nesta área, notava-se especial interesse dos alunos quando eram realizadas atividades experimentais.

Outra área bastante trabalhada foi a Matemática, da qual os alunos gostavam muito. No entanto, esta tinha de ser trabalhada de forma especial, uma vez que existiam alunos com muita facilidade na resolução de problemas e ao nível do raciocínio matemático, o que não acontecia com outros com mais dificuldades. De forma a ultrapassarmos este problema, muitas vezes, pedíamos aos alunos para resolverem as tarefas a pares, ou em pequenos grupos, para que depois os processos e os resultados pudessem ser discutidos pela turma e, desta forma, contribuir para um melhor entendimento dos alunos com mais dificuldades.

Esta turma do 1º CEB com a qual trabalhámos era bastante receptiva às atividades propostas, realizando sempre com interesse as atividades de qualquer área curricular.

No entanto, ao longo do semestre investimos mais na área do Estudo do Meio, da Matemática e da Língua Portuguesa, o que não aconteceu com as Expressões

Artísticas. Estas foram trabalhadas sobretudo, em interligação com as outras, ou seja, como forma lúdica de introduzir novos conteúdos das restantes áreas curriculares.

Outro aspeto que tivemos sempre em consideração era a altura do dia em que lecionávamos determinado conteúdo, ou seja, quando pretendíamos abordar um conteúdo novo, ou em que os alunos apresentassem mais dificuldades, fazíamos-lo logo de manhã, pois era quando os alunos estavam mais concentrados. As atividades mais lúdicas ou aquelas que necessitavam de menos concentração eram realizadas no período da tarde, quando os alunos já estavam mais cansados e menos atentos.

Tendo em conta todas as áreas que são lecionadas no 1.º CEB, e tendo em conta a faixa etária, a Língua Portuguesa foi aquela que nos deu mais prazer lecionar, isto porque o ano de escolaridade em que estávamos proporcionava uma iniciação à leitura e a escrita.

Na tentativa de melhorar a nossa ação pedagógica ao longo de toda a PES II, refletíamos, semanalmente, com a professora cooperante, os supervisores da ESEV e também entre nós, elementos do grupo de estágio. Estas reflexões eram de extrema importância para nós, pois permitiam-nos perceber o que podíamos melhorar nas nossas intervenções. Estas eram realizadas antes das aulas, para que o elemento que ia lecionar soubesse, atempadamente, se tinha de alterar algo, ou se podia avançar e, também, depois de uma semana de lecionação para termos conhecimento dos aspetos que poderíamos melhorar ao lecionar.

## 2.2. Educação Pré-Escolar

O nosso estágio na Educação Pré-Escolar começou a ser realizado no início do ano letivo e, por isso, pudemos assistir à integração das crianças mais novas naquele grupo.

Pudemos presenciar a adaptação das crianças à rotina diária estabelecida pela educadora cooperante e ajudá-las nessa adaptação, uma vez que as nossas intervenções eram realizadas de acordo com essa rotina. É importante que esta seja respeitada, dia após dia, para que as crianças saibam “o que podem fazer nos vários momentos e prever a sua sucessão, tendo a liberdade de propor alterações” (Ministério da Educação, 1997, p. 40).

Para planificarmos os três dias de dinamizações de forma coerente e tendo sempre em conta as aprendizagens do grupo, todas as semanas tínhamos uma reunião com a educadora cooperante para discutirmos o que teríamos de trabalhar na semana seguinte. Esta forma de planeamento era mais simples para nós, pois sabíamos o que tínhamos de preparar em casa. Contudo, pela reflexão efetuada, compreendemos que as crianças devem ter um papel importante na escolha das atividades a desenvolver. Apesar das nossas planificações serem elaboradas desta forma, existiam também momentos em que a escolha era feita pelas crianças, onde nós apenas selecionávamos o tema de trabalho, por exemplo, o tempo e depois as crianças escolhiam aquilo que queriam saber sobre algo em particular, como por exemplo o fenómeno da precipitação.

Ao longo dos dias de estágio pretendia-se que trabalhássemos de forma articulada, proporcionando às crianças atividades de todas as áreas de conteúdo “visto que a construção do saber se processa de forma integrada, e que há inter-relações entre os diferentes conteúdos e aspetos formativos que lhes são comuns” (Ministério da Educação, 1997, p. 48). Apesar de tentarmos o mais possível trabalhar a partir desta interligação, nem sempre era possível e existiam dias em que dávamos mais ênfase a uma área que às restantes. Uma das áreas que estava sempre presente era a Formação Pessoal e Social, na medida em que “integra todas as outras áreas pois tem a ver com a forma como a criança se relaciona consigo própria, com os outros e com o mundo, num processo que implica o desenvolvimento de atitudes e valores” (Ministério da Educação, 1997, p. 49). Esta área não era planeada como as outras, ela simplesmente surgia, no dia-a-dia, por exemplo, quando as crianças partilhavam materiais para brincar, quando se apelava às regras da sala para o bom

funcionamento da mesma, quando as crianças tinham de fazer silêncio porque alguém estava a falar.

A área de Expressão e Comunicação foi mais trabalhada nuns domínios do que em outros. A Expressão Motora era uma área que as crianças gostavam bastante e era abordada todas as semanas.

A Expressão Plástica foi também um domínio bastante explorado, tanto com atividades dirigidas, como autónomas. Em tempo de atividades livres, estas crianças mostravam bastante interesse em fazer desenhos e pintar.

Nas atividades dirigidas, muitas vezes a Expressão Plástica era utilizada para que as crianças pudessem contactar com técnicas para além da pintura e do desenho, assim utilizavam materiais cuja primeira função não estava ligada a expressão plástica, por exemplo, a utilização da espuma de barbear com o objetivo de desenvolver uma nova técnica de impressão.

As Expressões Dramática e Musical estiveram muito presentes nas diversas semanas de dinamização. Estas eram bastante frequentes e muito prazerosas para as crianças, que adoravam estes momentos. A ligação entre a expressão dramática e musical era bastante visível pois muitas das atividades musicais englobavam o movimento do corpo como enriquecimento das mesmas.

Para além desta ligação, na maioria das vezes estas áreas acabaram por estar interligadas com outros domínios como o da linguagem, através da letra das canções. Quando eram introduzidas novas canções, simultaneamente apresentavam-se as letras das mesmas em formato de pictograma.

O domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita foi desenvolvida ao longo de todas as intervenções, visto que é transversal a todas as áreas e domínios. Nas intervenções, foram planificadas atividades sobretudo para dar a conhecer as funções da escrita e da leitura. O que era feito, muitas vezes, com este grupo era escutar cada criança, de forma a valorizar a sua contribuição para o grupo, comunicar com cada uma individualmente e com o grupo, de modo a dar espaço a que cada uma falasse. Outro aspeto bastante explorado foi a rima, através de lengalengas, trava-línguas e canções que eram exploradas na máxima plenitude.

A Matemática surgia no dia-a-dia da criança de forma natural e, por isso, cabia-nos a nós “partir das situações do quotidiano para apoiar o desenvolvimento do pensamento lógico-matemático, intencionalizando momentos de consolidação e sistematização de noções matemáticas” (Ministério da Educação, 1997, p. 73). Esta área foi também muito trabalhada ao longo deste estágio, visto que o dia da

matemática coincidia no nosso período de dinamização e o jardim de infância dava bastante ênfase a esta data, tivemos planificações em que o tema transcendente à semana era a matemática. Os temas mais abordados foram os padrões, as simetrias e as sequências, com elementos da natureza como ,por exemplo, a fruta. As contagens e a formação de conjuntos segundo regras estiveram também muito presentes nas nossas dinâmizações, sendo explorados nas suas diversas vertentes, ou seja, utilizando objetos que as crianças pudessem manipular, bem como através do corpo da própria criança, ou seja, as crianças agrupavam-se segundo uma regra. Por exemplo, quando foram abordadas as características físicas do ser humano, as crianças agruparam-se segundo características físicas, tais como cor de olhos, cor de cabelo, sexo.

O Conhecimento do Mundo foi uma área trabalhada sobretudo para satisfazer a curiosidade e o desejo de saber evidenciado por algumas crianças. Para ir ao encontro destas necessidades, realizámos diversas atividades experimentais, assim como desenvolvemos várias conversas acerca do corpo humano e de alguns animais, pelos quais as crianças demonstravam mais interesse. Foi também explorado o ciclo da água e os estados da mesma.

No início deste estágio sentimos alguma dificuldade, pois na PES I tínhamos trabalhado com outro grupo e com outra educadora completamente diferente na sua forma de dinamizar as atividades pedagógicas. Também tivemos de nos adaptar ao espaço, à maneira de trabalhar da educadora e, sobretudo, conhecer cada criança para, posteriormente, podermos planear de acordo com as suas necessidades. Outra dificuldade sentida diz respeito às estratégias de ensino adequadas a este nível de ensino, pois no estágio anterior trabalhávamos com um grupo do 1.º CEB onde as estratégias eram completamente distintas de um grupo em idade pré-escolar.

Ao longo deste estágio fomos alertadas para o facto de ser necessário planear atividades suplementares, pois as crianças têm níveis de desenvolvimento distintos, o que fazia com que as que acabavam a atividade primeiro ficassem sem nada para fazer. Contudo, pensamos que tal se deve ao facto de ainda não conseguirmos controlar o tempo que as crianças demoram a realizar uma determinada atividade e embora esta dificuldade tenha diminuído, não foi ultrapassada na totalidade. Consideramos que só com mais experiência ao nível da docência será possível ultrapassar este tipo de dificuldades.

### **3. Análise das competências e conhecimentos profissionais desenvolvidos**

Visto termos realizado diversas intervenções, ao longo da PES II e III, importa agora fazer uma reflexão sobre o nosso desempenho durante estes dois semestres.

É necessário que tanto o educador como o professor do 1.º CEB procedam, regularmente, a uma avaliação, de forma a poderem progredir em termos profissionais e melhorar as suas práticas, a fim de zelar pelo desenvolvimento das aprendizagens dos alunos.

Para esta autoavaliação são utilizados o Decreto-lei nº 241/2001, de 30 de agosto, que aprova os perfis específico de desempenho profissional do educador de infância e do professor do 1.º CEB. É através destes diplomas legais que pretendemos refletir sobre o trabalho desenvolvido ao longo dos dois semestres, assim como sobre as competências neles definidos.

O Decreto mencionado contempla duas vertentes distintas, tanto no que diz respeito ao perfil específico de desempenho profissional dos educadores de infância como dos professores do 1.º CEB: a conceção e desenvolvimento do currículo e a integração do currículo.

### **3.1. 1.º Ciclo do Ensino Básico**

No estágio realizado durante o segundo semestre, PES II, e no que diz respeito à Conceção e Desenvolvimento do Currículo, não nos foi possível participar na construção e avaliação do projeto curricular da escola, nem conceber e gerir, em colaboração com outros professores e em articulação com o conselho de docentes, o projeto curricular de turma.

No que respeita aos conteúdos, lecionámos sempre de forma a desenvolver as aprendizagens dos alunos, partindo daquilo que já sabiam sobre os conceitos a trabalhar para, posteriormente, aprofundarmos o conhecimento dos mesmos.

Durante a PES II, procurámos trabalhar os diferentes conteúdos de forma integrada e articulada.

Ao longo deste semestre mantivemos uma ótima relação tanto com os alunos, como com a professora titular da turma, o que fazia com que os alunos estivessem com vontade e motivados para as aulas, sendo alunos bastante participativos e respeitadores das regras de convivência, tanto na sala de aula, como fora dela.

Feita a nossa reflexão acerca da Conceção e Desenvolvimento do Currículo, importa, agora, e como já foi referido anteriormente, focarmo-nos no que diz respeito à Integração do Currículo.

O professor do 1.º CEB deve, ao longo de todo o ano, abordar com os alunos várias áreas curriculares: Língua Portuguesa, Matemática, Estudo do Meio e as Expressões.

Durante o nosso estágio foram privilegiadas algumas destas áreas em detrimento de outras, o que aconteceu várias vezes por dificuldade na gestão do tempo. As áreas mais trabalhadas foram as três primeiras referidas, sendo que a restante foi menos explorada. Desta forma não conseguimos desenvolver aprofundadamente todas as competências, no entanto pensamos que isso é normal, pois o tempo de estágio é curto e foi realizado apenas num ano de escolaridade, não podendo, assim, focarmo-nos em todas as competências.

A área curricular de Português é transversal a todas as outras e por isso acabou por ser bastante explorada. Incidimos sobretudo no alfabeto e casos de leitura.

Na área curricular da Matemática, o facto de a incidência ser na aprendizagem dos números proporcionou uma inexistência de dificuldades, pois os alunos já teriam um contacto prévio com os mesmos. Tentámos realizar o trabalho em grupo, executando tarefas exploratórias e, visto esta turma não estar muito habituada a tal foi

uma experiência positiva e muito interessante, pois deu para perceber que é importante explorar este tipo de trabalho e que se não o for são notórias as dificuldades dos alunos em conseguir trabalhar em grupo, ajudando-se uns aos outros.

A área de Estudo do Meio era uma das áreas que mais motivava a turma. As competências adquiridas nesta área foram variadas, pois foi criado nos alunos o gosto de saber mais sobre a natureza e o seu meio envolvente.

A curiosidade que é tão natural nesta faixa etária foi despertada através de diversas atividades experimentais, realizadas por eles com bastante entusiasmo.

O facto de o conhecimento que esta área engloba, neste ano de escolaridade, ser pouco aprofundado, fez com que existisse uma necessidade de embeber as atividades em algo motivador e de grande entusiasmo enaltecendo o lado misterioso e grandioso nas descobertas que se iriam fazer.

Como já foi referido, as áreas das Expressões não foram tão exploradas como as anteriores, tendo em conta o facto do peso destas ser menor que as restantes áreas curriculares. No entanto, a área das Expressões esteve sempre presente e implicada no desenrolar das atividades das outras áreas, dando mais dinamismo e entusiasmo à aprendizagem dos alunos.

### **3.2. Educação Pré-Escolar**

No que respeita à Conceção e Desenvolvimento do Currículo, de acordo com o Decreto Lei qualquer educador de infância tem o dever de conceber e desenvolver o currículo, através da planificação, organização e avaliação do ambiente educativo, bem como das atividades e projetos curriculares, com vista à construção de aprendizagens integradas. Para isto ser possível, o educador tem de, em primeiro lugar, conhecer o grupo de crianças com o qual vai trabalhar. No nosso caso, este tempo foi reduzido, o que não nos permitiu conhecer cada criança individualmente, antes de começar a trabalhar com o grupo.

Quando iniciámos o nosso estágio, o ambiente educativo já se encontrava organizado, tendo em conta o espaço da sala de atividades e a rotina. Ao longo das nossas intervenções, tentámos sempre respeitar esta organização.

O tempo de duração das atividades foi um dos fatores que mais dificuldade nos fez sentir na planificação das dinamizações. As crianças nesta faixa etária têm alguma dificuldade em permanecer atentos, de forma a absorver conhecimento, durante muito tempo a realizar a mesma atividade e no mesmo espaço. Para que a saturação e desatenção das crianças não se sentisse, ao planificar tentávamos propor tarefas diversificadas, que não se perlongassem durante muito tempo e com mudança de espaço frequente.

Outro aspeto que não se teve em conta desde início foi a inclusão dos interesses das crianças na decisão dos conteúdos das planificações, ou seja, as planificações eram discutidas entre os elementos do grupo de estágio e a educadora cooperante, não fazendo parte dessa planificação o interesse de cada criança. Ao longo do estágio, esse aspeto foi melhorado e nas últimas semanas já era discutido com as crianças sobre o que é que elas gostariam de saber acerca de algo. Uma das situações onde esta partilha se verificou foi quando falamos sobre o tempo. Foram as crianças que decidiram o que é que gostariam de saber, e neste caso, algumas das dúvidas foram sobre o porquê de em determinados dias não se ver o céu, assim como de onde vem a chuva e o porquê de chover.

Ao longo da PES III, tentámos sempre relacionarmo-nos com todas as crianças de forma a “favorecer a necessária segurança afetiva”, a autonomia e criar as condições de “segurança, de acompanhamento e de bem-estar das crianças” (Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de agosto). No entanto, não importa apenas o contacto entre as educadoras e as crianças, apesar de este ser bastante relevante, importa, também, a relação que estas desenvolvem entre si, sendo vantajoso promover atividades que favoreçam essa relação. Para isso, foram desenvolvidas várias atividades nas quais as crianças tinham de se entreajudar, o que permitiu fomentar a cooperação e o respeito entre estas.

No que respeita ao âmbito da Expressão e Comunicação, ao longo de toda a PES III, proporcionámos, a cada criança, oportunidades de interação com os adultos e com os seus pares, promovendo, desta forma, o desenvolvimento da linguagem oral de todas as crianças, através de diálogos que estas mantinham entre si e também conosco, tanto no momento do acolhimento, como no recreio, ou em qualquer outro momento do dia que a criança desejasse.

Foram também realizadas atividades que permitiam às crianças compreender a importância da leitura e da escrita, através de atividades de exploração de materiais escritos, integrando, na maioria destas atividades, a Expressão Plástica. Para esta compreensão foram utilizadas atividades como leitura de histórias, que permitiam à criança compreender que a leitura é feita de cima para baixo e da esquerda para direita e a leitura de pictogramas que mostravam à criança que também se pode ler através de imagens. As lengalengas e trava-línguas, assim como poemas, estiveram muito presentes nas atividades que eram propostas. O domínio da Matemática esteve sempre muito presente, trabalhando simetrias, padrões, sequências, contagens, tanto em momentos planificados como em momentos espontâneos.

Mais diretamente relacionadas com as Expressões Musical e Motora estiveram atividades que permitiam à criança produzir sons e ritmos com o corpo e a voz desenvolvendo, desta forma, a capacidade de escuta, de análise e de apreciação musical. Ainda relacionada com a Expressão Motora estiveram outras atividades, sobretudo jogos, que permitem às crianças a compreensão de regras progressivamente mais complexas, proporcionando o controlo motor na atividade lúdica, bem como a socialização pelo cumprimento das regras. Estas atividades promoviam, igualmente, o desenvolvimento da motricidade global das crianças, pois foram realizados jogos que implicavam, por exemplo, diferentes formas de locomoção,

assim como da motricidade fina e ampla, permitindo à criança aprender a manipular objetos.

Para além das atividades orientadas, faziam parte da rotina momentos em que as crianças se encontravam em atividades livres, nestes momentos, assistia-se mais frequentemente ao jogo simbólico e jogo dramático, que permitiam à criança a expressão e o desenvolvimento motor, assim como a comunicação verbal e não-verbal.

No âmbito do Conhecimento do Mundo, era realizada todos os dias a observação do tempo meteorológico, onde as crianças diziam o que viam fora das janelas: se fazia sol, chuva, se existiam nuvens ou se caía neve.

Foram também realizados jogos, onde as crianças comparavam pessoas, dizendo quem era o mais alto, o mais magro, o tamanho, ou a cor dos cabelos e a cor de pele, descrevendo e comparando os atributos de determinadas pessoas.

Foi, também, ao longo de todo o semestre, promovida a capacidade de organização temporal e espacial através da própria rotina que permite às crianças saber o que vão fazer de seguida.

## **PARTE II - TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO**

**DE QUE FORMA É ABORDADO O SIGNIFICADO DO NATAL NA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR: Perspetivas de alguns Educadores de jardins de infância do Concelho de Viseu.**

# INTRODUÇÃO

A investigação realizada incide sobre a relevância do trabalho efetuado na educação pré-escolar sobre o Natal, pretendendo perceber se o seu significado e símbolos são explorados e qual a sua relevância para os educadores de infância.

A necessidade de estudar esta temática surgiu, sobretudo, após uma palestra dirigida pela educadora Helena Lopes que deixou a questão no ar sobre a exploração das festividades no seu potencial máximo ou apenas na exploração superficial e tão pouco rica em conhecimento. Esta educadora questionou também se a exploração de alguma das festividades não põe em causa o direito das crianças e o respeito pelas suas culturas, nomeadamente tudo o que isso implica na vida social de cada uma.

Interessa-nos também saber se os educadores de infância respeitam os direitos dessas crianças, assim como as suas culturas, quando exploram uma época festiva com uma carga religiosa intensa (veiculada ao cristianismo), como é o Natal.

Este trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo, apresentamos o enquadramento teórico-concetual sobre a temática em estudo, onde procuramos mostrar a perspetiva de vários autores, assim como a legislação sobre os principais temas ligados à cultura de cada criança e ao respeito que esta implica. No segundo capítulo, indicamos a metodologia a que recorreremos para a concretização da investigação. É aqui que expomos as diversas fases ligadas ao processo desenvolvido, tais como a formulação do problema e dos objetivos do estudo, o tipo de investigação e a explicitação de como será efetuada a análise e tratamento de dados. No terceiro e último capítulo, apresentamos e discutimos os resultados obtidos através da recolha de dados efetuada através de entrevistas semiestruturadas. A discussão será baseada no quadro teórico delineado, a fim de dar resposta ao problema inicial e extrair as conclusões do estudo empírico.

# CAPÍTULO I –REVISÃO DA LITERATURA

## 1. A diversidade cultural nas escolas

O povo português tem presente no seu âmago uma necessidade indubitável de se expandir como indivíduo e como sociedade. O seu espírito aventureiro levou-o, durante séculos, a descobrir novas terras, por prazer ou necessidade. Porém, é, sobretudo a partir do final do século XX, que se verifica um movimento contrário na deslocação das pessoas que, ao invés de deixarem este país, começam a afluir a este território, trazendo consigo os seus costumes, tradições, religiões e conhecimentos.

A sociedade expande-se e modifica-se de forma a albergar todos os indivíduos que agora dela fazem parte. A educação, pilar fundamental de uma sociedade, sofre as influências da sociedade e com o crescimento desta, também a escola tem de crescer. A presença de jovens e crianças de outras culturas e religiões exige que a escola se modifique para as incluir de forma positiva, respeitando as suas diferenças e reconhecendo essa multiculturalidade no que respeita a diversidade entre seres.

Portugal é um país caracterizado por uma multiplicidade cultural.

O mesmo autor defende ainda que a heterogeneidade inerente a toda a humanidade é o que de mais único e inestimável ela possui. Reconhecer, valorizar e compreender essa diferença é por demais importante para qualquer sociedade.

A escola possui um papel fundamental neste processo pois, devido a afluência de pessoas de outros países para Portugal, grande parte das crianças que a frequentam têm origens culturais e étnicas diferentes. Este aspeto surge como uma mais valia para a escola já que se está a aproveitar a riqueza dessa diversidade, os alunos poderão usufruir de um maior contacto com outras culturas, adquirir conhecimentos sobre realidades que lhes são distantes e, de certa forma, promover a socialização, solidariedade e aproximação entre os indivíduos das várias culturas. Deste modo, as pessoas adquirem valores e respeito para com as outras sociedades, facilitando assim a sua interação.

Cortesão (2001) afirma ainda que, o que acontece em vários casos é que a própria escola tenta moldar a criança de modo a que esta siga as normas sociais da cultura majoritária em que se insere, indeferindo as características das culturas minoritárias, negligenciando proporcionar ao aluno meios para que este se adapte e integre no meio em que vive e interage com diversos grupos sociais e culturais.

Pereira (2004) dá ainda ênfase ao fato de que “a escola e o currículo continuam centrados nos padrões culturais dominantes e as culturas maternas dos grupos minoritários continuam a ser ignoradas” (p.21).

A cultura e a educação são aspetos intrinsecamente ligados pois é do primeiro que emergem os valores, os costumes, tradições que se devem desenvolver no aluno, juntamente com os restantes conhecimentos e competências transmitidos e adquiridos na escola.

A educação pretende que o aluno se torne, não apenas um reprodutor daquilo que aprendeu, mas um indivíduo crítico e inovador que faz uso dos seus saberes sobre as diversas culturas e individualidade de cada ser. Esta dissemelhança na abordagem e uso dos saberes adquiridos na escola é conducente a uma discussão sobre o conteúdo cultural escolar.

A escola é entendida como um local de socialização tendo as portas abertas a todos, sem excluir ninguém de diferentes origens, religiões, nacionalidades, etnias etc.. Esta abertura faz com que a interação entre os alunos de diversas culturas permita um maior desenvolvimento do processo cognitivo e social, existindo partilha de comportamentos, valores e atitudes. Desta forma, a escola torna-se mais diversificada por influência desta abertura.

Para Sá (2001),

À escola competirá a organização de um ambiente cultural que permita a maturação de cada indivíduo no respeito pelos aspetos éticos, cívicos e técnicos, harmoniosamente interligados, humanizando o ensino de modo a que faça evoluir o processo cognitivo e relacional, que possibilite o desenvolvimento de atitudes responsáveis nos jovens, que lhes permitam assumir a responsabilidade pelos seus atos e a capacidade de tomar decisões perante si próprios, perante o grupo e a sociedade em que vivem, aprendendo a participar com autenticidade na construção do bem comum. (p.13)

Ainda na opinião deste autor, a escola, tal como a sociedade, deve ser desafiada a repensar estratégias para acolher todos os alunos, até e sobretudo aqueles que na maior parte das vezes, só dominam a língua do seu país de origem. Deste modo, seriam proporcionadas ferramentas que permitam a estes alunos inserir-se positiva e ativamente na sociedade que os acolhe mas nunca esquecendo o que trazem do seu passado.

O pluriculturalismo que se verifica nas escolas obriga a que estas se adaptem às características e culturas que os seus alunos possuem. A escola precisa entender estas diferenças de cada um para melhor usufruir da riqueza comum. Porém, este entendimento, esta visão alargada e englobante é difícil de se adquirir, já que, como afirma Martins (1998), “parece que a escola como todas as instituições sociais, não se encontra preparada para enfrentar-se à diversidade, à desigualdade e à exclusão social (as minorias, a cultura da marginalidade, a inadaptação social, a xenofobia, etc.)” (p. 75). Todos estes aspetos ainda se verificam em muitas escolas do país e precisam ser combatidos de modo a ser possível proporcionar aos alunos uma boa educação, valores e uma relação positiva entre todos que se tornará, no futuro, útil para a interação num ambiente mais alargado que é a sociedade.

Em Portugal, esta transição para uma escola mais pluricultural é feita de forma morosa e, por isso mesmo, “está ainda muito longe de se encontrar consolidada no sistema educativo português” (Cortesão, 2001, p. 54).

A mesma autora refere ainda que há muito a fazer neste sentido e a escola deveria sempre adotar uma atitude construtiva face a esta realidade, desenvolvendo práticas positivas de educação, permitindo a criação de um espaço que favoreça a expressão de cada um, nas suas diferentes componentes – linguagem, valores, quadros de referência, etc., desenvolvendo estratégias que conduzissem à anulação da discriminação. Bernestein (1996) acrescenta que “para que a criança possa assimilar a cultura da escola, é necessário que a escola consiga assimilar a cultura da criança” (p. 2).

A educação é vista e abordada de maneira diferente em cada país e cada escola e varia de acordo com a diversidade cultural dos alunos que aí vivem ou frequentam. Contudo, podemos afirmar que, é a partir da defesa do direito que todo o cidadão tem à educação e à igualdade de oportunidades que surgem ações educativas revigoradoras que visam responder às necessidades de uma educação e de uma escola multiculturais. A defesa de uma educação que vá de encontro à diferenças de

culturas, religiões e situações de cada aluno é cada vez mais aclamada por muitos, principalmente pela consideração que se dá, hoje em dia, ao indivíduo e a aceitação da escola como lugar formador do carácter da criança e do seu desenvolvimento a vários níveis (pessoal, social, físico, cultural, etc.)

Portugal, como país de imigração, tem na sua sociedade pessoas de diferentes nações que trouxeram consigo as suas crenças, a sua língua, tradições, costumes e religiões. É desta diversidade de pessoas que surgiu a necessidade da educação deste país se modificar de modo a dar resposta a esta multiculturalidade que entrou nas escolas portuguesas. Foi, então, necessário aceitar esta diversidade e tomar ações que conduzam a um melhor entendimento e interação entre os indivíduos, sem que estes percam a sua autonomia, a sua cultura e a sua opinião crítica, de modo a dotar a sociedade portuguesa de cidadãos dinâmicos, sociais, ativos e críticos sobre as situações com que são confrontados no dia a dia.

O ser humano é um ser social e cada vez mais o seu mundo se expande. A sociedade está em constante mudança, existe agora uma grande globalização que permite ao indivíduo entrar em contacto facilmente com os outros, com outras realidades e outras sociedades. Ele precisa aprender a viver e a adaptar-se ao mundo em que vive, alargando os seus horizontes ao mesmo tempo que o mundo se vai inovando. O facto de as nossas escolas terem crianças e jovens de muitas culturas, etnias e nacionalidades que trazem desafios extraordinários torna-as nos dias de hoje um microcosmo da nossa sociedade, pois estes são muito influenciados por colegas e circunstâncias do seu quotidiano e assim o melhoramento da qualidade de ensino e da própria sociedade parte do reconhecimento da diferença como sendo um valor.

As crianças são o futuro da sociedade e, estando nós perante uma sociedade que se torna cada vez mais diversificada, é por demais importante, desde cedo, dar a conhecer a nossa realidade às crianças, para que elas conheçam as diferenças entre cada ser, cada cultura e cada sociedade. Desta maneira, as crianças crescerão conhecendo as diferenças e semelhanças entre os seus pares, aceitando as mesmas, criando opiniões válidas sobre elas e conhecendo-se melhor a si e ao próximo.

## **2. A legislação na educação pré-escolar: a cultura de cada criança**

No âmbito da Educação Pré-Escolar há que realçar algumas mudanças verificadas no âmbito de uma educação para a diversidade cultural. O reconhecimento da importância da educação inter/multicultural no âmbito da Educação Pré-Escolar é referido na Lei-Quadro da Pré-Escolar (1997), quando se sublinha a importância de este nível de ensino no que diz respeito a promover o desenvolvimento pessoal e social de cada criança com base em experiências de vida democrática numa perspectiva de educação para a cidadania; fomentar a inserção da criança em grupos sociais diversos, no respeito pela pluralidade das culturas, favorecendo uma progressiva consciência com o mundo da sociedade; contribuir para a igualdade de oportunidades no acesso à escola e ao sucesso de aprendizagem.

Nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação 1997), por seu turno, podemos encontrar um item designado por «educação multicultural» e no qual pode ler-se: “a aceitação da diferença sexual, social e étnica da criança é facilitadora da igualdade de oportunidades num processo educativo que respeita diferentes maneiras de ser e de saber, para dar sentido à aquisição de novos saberes e culturas. É numa perspectiva de educação multicultural que se constrói uma maior igualdade de oportunidades entre mulheres e homens, entre indivíduos de diferentes classes sociais e de diferentes etnias” (Ministério da Educação, 1997, pp. 54-55).

Na educação pré-escolar é dada ênfase à celebração de épocas festivas de maior importância, sendo o Natal uma das que mais proporciona uma abordagem a temas transversais, tais como, a educação multicultural e a educação do consumidor, ou, num sentido mais alargado, a educação para a cidadania. Estes são aspetos da Área da Formação Pessoal e Social que se relacionam diretamente com a Área do Conhecimento do Mundo.

Tendo isto como conhecimento de senso comum, será que estas abordagens são efetivamente exploradas nos jardins de infância?

Esta época festiva, o Natal, é uma festividade cristã e tem subjacente uma carga religiosa bastante presente, e que seguindo os documentos orientadores deste nível de ensino é fundamental não esquecer que a cultura de cada criança deve ser tida em

conta, não passando por cima de diferenças culturais e religiosas, isto porque nesta mesma época existem outras festividades a ser comemoradas.

Um dos documentos de orientação na educação pré-escolar são as OCEPE, estas são o ponto de apoio para a prática pedagógica do educador. Neste nível de ensino não existe um currículo estabelecido, existem apenas orientações que os educadores devem ter em conta, assim é o docente que deve construir e gerir o seu próprio currículo de acordo com os saberes das crianças e das suas famílias. Devem também ter em conta as solicitações da comunidade, que são diferentes de acordo com as necessidades destas.

No que concerne ao respeito pela cultura de cada criança, as OCEPE fazem referência nos seus objetivos pedagógicos a seguinte asserção:

Fomentar a inserção da criança em grupos sociais diversos, no respeito pela pluralidade das culturas, favorecendo uma progressiva consciência como membro da sociedade (Ministério da Educação, 1997, p.15).

Este objetivo é bastante claro no que diz respeito ao que se deve fomentar nas crianças desta faixa etária, o respeito pelas culturas e assim subjacentes está o respeito pelos costumes, crenças, religiões. A clareza deste objetivo não está em causa, mas sim a implementação e a execução deste mesmo nas práticas da educação pré-escolar.

A educação pré-escolar tem um papel importante na educação para os valores. Valores que não se “ensinam”, mas que se vivem na ação conjunta e nas relações com os outros. A educação para os valores acontece, assim, em situação, num processo pessoal e social de procura do bem próprio e bem coletivo (Ministério da Educação, 1997, p.52)

O trabalho a ser feito com as crianças desta faixa etária não deve descuidar da importância dos valores na construção do seu “eu”, como pessoa e como cidadão pertencente a um grupo social com a sua cultura, religião, crenças, valores. Mas não se pode esquecer que a “ A aprendizagem destes valores decorre do respeito que o educador manifesta por cada criança e pela sua cultura. Interagir com o outro, que é diferente, permite tomar consciência de si próprio em relação ao outro.” (Ministério da Educação, 1997, p.54)

Se transportarmos esta realidade para a festividade do Natal percebemos que nesta época festiva os educadores devem respeitar os valores e cultura de cada criança e assim não restringir a comemoração à festividade cristã.

Se a base dos objetivos na educação pré-escolar é o respeito pela diversidade de culturas não é de todo adequado restringir algo tão diversificado, como é o festejo do Natal, a uma só religião, cultura.

Se é papel do educador respeitar cada criança e a sua cultura qual é o sentido de festejar de acordo com certos rituais que não pertençam à cultura e aos costumes de um elemento presente nesse festejo, nesses rituais? Será isto respeitar cada criança e a sua cultura?

No que concerne ao desenvolvimento da identidade de cada criança, as OCEPE referenciam que é essencial “reconhecer laços de pertença social e cultural, respeitando outras culturas” (Ministério da Educação, 1997, p.54), e se assim o é num momento de diversidade de rituais, todos deveriam ser explorados não dando mais realce a uma só cultura.

Baseando-se nas orientações curriculares para a educação pré-escolar, as metas de aprendizagem estão globalmente estruturadas pelas áreas de conteúdo aí enunciadas, mantendo a mesma designação. No entanto, a sua apresentação e organização interna têm algumas especificidades, ao adotar, nas diferentes áreas, os grandes domínios definidos para todo o ensino básico e ao diferenciar alguns conteúdos que estão menos destacados nas Orientações Curriculares. Esta reorganização decorre da opção, que é comum à definição das metas para todo o ensino básico, de estabelecer uma sequência das aprendizagens que, neste caso, visa particularmente facilitar a continuidade entre a educação pré-escolar e o ensino básico.

Importa acrescentar que, se é obviamente necessário definir aprendizagens a realizar em cada área, não se pode esquecer que na prática dos jardins-de infância se deve procurar uma construção articulada do saber, em que as áreas devem ser abordadas de uma forma globalizante e integrada. Este entendimento surge, aliás, nas aprendizagens definidas para algumas áreas (Ministério da Educação, 2010).

No que diz respeito a este documento de orientação, focando a pesquisa ao estudo em causa, estas mencionam, na área de conteúdo Conhecimento do Mundo no domínio do dinamismo das inter-relações natural-social, que

a criança situa-se socialmente numa família (relacionando graus de parentesco simples) e também noutros grupos sociais de pertença, reconhecendo a sua identidade pessoal e cultural (Ministério da Educação, 2010).

Se esta é uma meta a atingir e a criança terá de reconhecer a sua identidade pessoal e cultural, cabe ao educador não restringir o conhecimento a uma só cultura, dando ênfase à criança e à importância de esta identificar a sua cultura.

Se cada criança identificar a sua cultura e se o respeito por cada um for fomentado, cada criança irá “reconhecer laços de pertença a diferentes grupos (família, comunidade entre outros) que constituem elementos da sua identidade cultural e social” como referem as metas de aprendizagem na área de formação pessoal e social no domínio identidade/autoestima. Quando a criança sabe a que grupo pertence e tem a sua identidade bem estabelecida eleva a sua autoestima.

Aprender a lidar com as diferenças, na perspetiva de uma sociedade que se pretende democrática e inclusiva e que traz para os espaços políticos e públicos tal preocupação, é o desafio que ronda o imaginário dos profissionais da educação preocupados com a construção de uma escola de qualidade, que cumpra com seus objetivos de formação da cidadania e de preparação dos estudantes para a vida em sociedade. (Programa Ética e Cidadania, 2007, p.8)

Nessas relações, deparamo-nos com as diferenças e semelhanças que nos obrigam a comparar, descobrir, compreender, agir, buscar alternativas e refletir sobre nós mesmos e sobre os demais. (Programa Ética e Cidadania, 2007, p.6)

Para que esta aprendizagem seja desde muito cedo adquirida cabe ao educador proporcionar à criança “respeito pelas necessidades, sentimentos, opiniões, culturas e valores dos outros (crianças ou adultos), esperando que respeitem os seus” (Metas de Aprendizagem, domínio da convivência democrática/cidadania)

Se reportarmos à especificidade do festejo do Natal na educação pré-escolar, só conseguiremos atingir estas aprendizagens se não restringirmos este festejo a uma só cultura, respeitando a cultura de cada criança.

## **CAPÍTULO II – METODOLOGIA**

Tendo em conta os objetivos da nossa investigação, optámos por uma metodologia analítica por nos permitir dar especial atenção ao discurso dos entrevistados e construir um sentido que se lhe adegue. Tal como referem Bruyne et al. (1991, p.139)

a abordagem compreensiva visa apreender e explicitar o sentido da actividade social individual e colectiva enquanto realização de uma intenção. Ela se justifica na medida em que a acção humana é essencialmente a expressão de uma consciência, o produto de valores, a resultante de motivações.

Portanto, para compreender o sentido concreto que os entrevistados atribuem às suas motivações profundas, é fundamental privilegiar os seus discursos, uma vez que é aí que é possível obter informação sobre as representações e significados subjacentes às ações.

Com o intuito de dar resposta ao problema em estudo, nesta secção, apresentamos todas as fases que foram percorridas ao longo do trabalho empírico. Começamos por apresentar o problema assim como os objetivos da investigação, seguindo com uma breve explicação do tipo de investigação que nos propomos realizar. Posteriormente, apresentamos os participantes no estudo, os instrumentos de recolha de dados, o procedimento e o tipo e de análise e tratamento dos dados.

## **1. Problema e objetivos de investigação**

Toda a investigação científica introduz-se com a escolha e enunciação de um problema. Deste modo, a questão central desta investigação é: “ De que forma é abordado o significado do Natal na Educação Pré-Escolar.”

Tendo em conta o problema enunciado importa definir os objetivos a atingir. Desta forma, os objetivos gerais delineados são:

- Compreender se os educadores acham importante trabalhar o significado do Natal;
- Perceber se os educadores consideram relevante explicar o significado dos simbolismos do Natal;

## **2. Tipo de investigação**

Esta investigação enquadra-se no paradigma qualitativo.

A abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para construir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo (Bogdan, & Biklen, 1994, p.49).

Neste sentido, irá ser realizada uma investigação de carácter descritivo, em que os investigadores tentam analisar os dados em toda a sua riqueza, respeitando, tanto quanto possível, a forma em que estes foram registados ou transcritos (Bogdan & Biklen, 1994)

### **3. Amostra e justificação da sua escolha**

Este estudo terá como população 5 educadoras dos jardins de infância do concelho de Viseu,

A escolha dos participantes prende-se com as planificações que foram analisadas, estas pertencem a cinco grupos de estágio do mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do Primeiro Ciclo do Ensino Básico onde tiveram a estagiar durante o segundo semestre do segundo ano, em jardins de infância do concelho de Viseu. Por este motivo as educadoras entrevistadas são as titulares das salas de atividades destes cinco jardins de infância, assim existe uma correspondência entre os jardins de infância abrangidos pelas planificações e as educadoras entrevistadas. Esta correspondência permite o cruzamento de dados das análises efetuadas e assim uma maior veracidade nas conclusões, para tal mantivemos só as entrevistas a estas cinco educadoras. A análise de entrevistas sem mais nenhum instrumento de análise seria pobre e ambíguo, assim a análise paralela entre as entrevistas e as planificação, que são um instrumento mais prático, permite que as conclusões sejam mais verosímeis. Visto que um dos instrumentos de análise era as planificações não seria coerente entrevistar docentes às quais não teríamos acesso a planificações.

### **4. Técnicas e instrumentos de pesquisa**

Para a obtenção dos dados necessários com vista à realização deste estudo recorrer-se-á a entrevistas realizadas a cinco educadoras.

A entrevista é um “método de recolha de informações que consiste em conversas orais, individuais ou de grupos, com várias pessoas seleccionadas cuidadosamente, a fim de obter informações sobre factos ou representações, cujo grau de pertinência é analisado na perspectiva dos objectivos da recolha de informação” (Ketele, 1999, p.22).

Foi ideado um guião de entrevista de tipo semidirigida, assim “o entrevistador tem previstas algumas perguntas para lançar a título de ponto referênciã (Ketele, 1999, p.21). Assim será também possível, sem fugir ao objetivo, formular questões momentâneas a fim de esclarecer alguma incerteza ou hesitação que possa transparecer por parte de alguma educadora.

Numa outra fase foi realizada uma análise a planificações executadas nas salas dos jardins de infância das educadoras que constituem a amostra afim de observar o trabalho executado acerca desta época festiva.

## **5. Procedimento**

Para que este estudo fosse possível foi necessário realizar entrevistas a cinco educadoras, para tal, elaboramos um guião (apêndice 1) onde estavam designados os blocos, os seus objetivos e as questões que seriam colocadas às entrevistadas. Após a conclusão e aprovação da orientadora deste Relatório Final de Estágio, foi feito o contacto com as docentes a fim de explicar e pedir a colaboração das mesmas neste estudo. Desde logo este pedido foi aceite sem qualquer hesitação, já no que diz respeito à realização das entrevistas foi um pouco complexo, houve muitas desmarcações por parte das educadoras. Estas foram realizadas nas instalações dos jardins de infância em questão com uma duração de trinta minutos. Posteriormente, terminada a fase de recolha de dados seguiu-se a fase de análise dos mesmos de forma a apreciar as conclusões do estudo e, assim, responder ao problema desta investigação.

## **6. Análise e tratamento de dados**

Terminada a recolha de dados através das entrevistas e da análise às planificações, foi realizada uma sistematização, análise e interpretação dos dados em função da informação recolhida.

Para tal, recorreremos à análise de conteúdo, “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que

permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (Bardin, 1977, p.42).

## **CAPITULO III - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS**

Neste capítulo, apresentamos os resultados obtidos, a partir da informação proporcionada pelos educadores entrevistados e as planificações executadas nas salas destes titulares, durante o tempo destinado ao trabalho do Natal.

De forma a tornar mais objetiva e sistemática a análise destes dados, tivemos necessidade de levar a cabo um processo de análise de conteúdo dos dados recolhidos, ou seja, de os submeter a uma leitura crítica. Nesse sentido, no que reporta à análise das planificações construímos a Tabela intitulada “planificações de Natal”, em que dispusemos os dias na horizontal (colunas) e os diferentes jardins no vertical (linhas), estes foram divididos entre o período da manhã e o período da tarde. Quanto à análise das entrevistas, esta foi elaborada questão a questão, de forma a evitar ambiguidades e sobreposições.

Tabela 1: Planificações de Natal

	1º DIA	2º DIA	3º DIA	4º DIA	5º DIA	6º DIA	7º DIA
JARDIM DE INFÂNCIA A	1. Pesquisa do significado de palavras desconhecidas e/ou difíceis; 2. Realização de atividades relacionadas com perícia e manipulações.	1. Apresentação do calendário do advento.	1. Hora do conto na biblioteca; 2. Preparação da festa de Natal.	1. Concretização de um percurso com várias estações; 2. Pesquisa do significado de palavras desconhecidas e/ou difíceis.	1. Aprendizagem da canção "Rodolfo era uma rena" ; 2. Apresentação e exploração do excerto XIV, d'O Príncipezinho, em formato de vídeo.	1. Hora do conto na biblioteca; 2. Preparação da festa de Natal.	1. Atividade dirigida pela mãe de uma criança que consiste na visualização de uma dramatização alusiva ao Natal.
	1. Elaboração de um calendário do advento; 2. Decoração de imagens alusivas ao Natal.	1. Realização do teatro do capítulo XIII; 2. Diálogo sobre o sentido de "posse"; 3. Construção de uma árvore de natal.	1. Realização da atividade "O Natal".	1. Dramatização de uma história com apresentação de tabela de números.	1. Realização de uma atividade de Natal.	1. Realização da prenda para os pais.	1. Exposição de fotografias e atividade de Natal
JARDIM DE INFÂNCIA B	1. Visualização de um conto de uma história intitulada " Eu sei tudo sobre o natal"; 2. Discussão sobre as ideias da crianças acerca do natal e do seu significado e acerca do pai natal; 3. Realização de jogos: Abraço musical, pássaros e árvores e também o jogo do espelho.	1. Decoração do pinheiro de natal; 2. Construção de decorações para a sala de atividades ; 3. Jogo de estafetas e de passe-recepção, usando bolas.	1. Jogo com um paraquedas; 2. Construção de uma coroa através de pintura de mãos.	1.Continuação das decorações do placard e das prendas de Natal; 2. Jogo com um paraquedas.	1. Decoração do interior da sala de atividades.	1. Visita à biblioteca municipal – Projeto: "A magia do Natal".	
	1. Diálogo com as crianças sobre as novidades do fim de semana; 2. Exploração do calendário introduzindo o mês de dezembro; 3. Planificar com as crianças os materiais a construir para decoração (apelar para o significado do natal inerente nas decorações).	Construção e decoração da prenda de natal	Continuação da construção da prenda de natal	Decoração da sala de atividades com enfeites natalícios Jogo das diferenças ensaio para a festa de natal	Jogo de estafetas (utilização de objetos alusivos ao natal-gorro para as crianças e prenda de natal como objeto a passar entre os elementos da equipa)	Construção de uma coroa de natal e continuação das decorações do dia anterior Ensaio para a festa de natal	
JARDIM DE INFÂNCIA C	1. História sobre o nascimento de Jesus.	1. Teia de Ideias (o que é o Natal?).	1. Simetria de imagens.	1. Início do cartão para os pais; 2. Desenhos sobre o Natal.	1. Visualização de uma história sobre o Pai Natal; 2. Elaboração da carta ao Pai Natal.	1. Visita a uma idosa residente no Bairro do Jardim de Infância.	
	1. Elaboração do Presépio de Natal; 2. Elaboração de um cartão de Natal.	1. Elaboração da Árvore de Natal; 2. Desenho de Natal.	1. Coroa de Natal; 2. Enfeitar a Sala.	1. Concurso de adivinhas referentes ao Natal; 2. Pintura de rolos de papel higiénico para a construção da rena Rodolfo.	1. Construção da cara do Pai Natal; 2. Produção, continuação da Árvore da felicidade.	1. Conclusão do cartão para os pais, através da colagem dos desenhos e da árvore; 2. Término da rena Rodolfo.	
JARDIM DE INFÂNCIA D	1. História do nascimento do menino Jesus.	1. Os valores e as mensagens de Natal.	1. História da pequena vendedora de fósforos.	1. Dramatização de uma situação apresentada pela estagiária que encarna o papel de um anjo protetor.	1. Visualização de um vídeo alusivo ao natal.	1. Continuação da construção do postal.	
	1. Construção do presépio de Natal.	1. Os enfeites da árvore de Natal.	1. Musica "Ping pong somos bolas de cristal"	1. Realização de tarefas de ajuda ao pai natal.	1. Construção do postal de natal.	1. Visualização de um vídeo sobre os símbolos do natal.	
JARDIM DE INFÂNCIA E	1. Atividade de expressão plástica- Projeto de Natal.	1. Atividade de expressão motora.	1. Visita ao Planetário de Torre deita.	1. Atividade de expressão plástica- Projeto de Natal.	1. Atividade de expressão motora.	1. Atividade dirigida pelo professor de música; 2. Confeção de um bolo de mármore para a festa de Natal.	
	1. Atividades livres/áreas de interesse.	1. Atividades livres/áreas de interesse.	1. Atividades livres/áreas de interesse.	1. Atividades livres/áreas de interesse.	1. Atividades livres/áreas de interesse.	1. Atividades livres/áreas de interesse.	

## 1.1 Análise de planificações implementadas

Em análise desta tabela podemos perceber que em 87 atividades realizadas durante os sete dias apresentados na tabela, destinado pelos jardins de infância, 59 destas são de trabalho em volta do Natal. Com estes dados podemos perceber que mais de metade das atividades são de carácter natalício. Existe, todavia, uma intercalação de atividades intrinsecamente ligadas ao Natal com atividades que nada têm a ver com o Natal, como por exemplo, jogo com um paraquedas. Podemos assim concluir que na maioria dos jardins de infância não existe uma ligação entre todas as atividades e o Natal, ou seja, as 87 atividades realizadas durante estes dias não são na sua totalidade atividades tendo o Natal como base.

Ao analisar as planificações por jardins de infância, no que diz respeito à natureza das atividades, percebemos que durante os dias estipulados para trabalhar o Natal existem atividades que nada têm a ver com a época festiva. Assim para trabalhar determinados domínios das diferentes áreas de conteúdo, são planificadas atividades isoladas da comemoração do Natal, sem existir uma ponte de ligação entre as mesmas, ou seja, não são trabalhados os domínios tendo o Natal como tema de ligação. Ao longo dos dias existem atividades que para trabalhar um determinado domínio não tem ligação com o Natal, por exemplo, na planificação do jardim de infância E no segundo dia é apresentada uma atividade com o objetivo de trabalhar um domínio da Expressão Motora e para tal é realizada uma atividade que nada tem a ver com o Natal, assim não existe uma ligação entre as atividades.

Com esta análise podemos perceber que aproximadamente 28% das atividades não são direcionadas para o Natal, sendo os restantes 72% referentes às atividades direcionadas para o Natal.

No que diz respeito a atividades dirigidas para a expressão plástica, ou seja, construção de materiais, como enfeites, postal de Natal, prenda de Natal etc., podemos concluir que em 59 atividades relacionadas com o Natal, 32 destas pertencem a este domínio, ou seja mais de 50% das atividades são destinadas a trabalhos manuais.

A comemoração desta época festiva leva a uma necessidade elevada de atividades manuais, isto porque é estabelecido um conjunto de objetos que são necessários para toda a festividade, ou seja, se formos ao encontro dos costumes percebemos que estes abrangem um conjunto de rituais, quase impossíveis de

desvalorizar, que englobam práticas de manuseamento de objetos, assim como, a árvore de Natal que precisa de enfeites, a decoração do espaço, os presentes e os postais de Natal. Objetos como a árvore de Natal, a estrela, o presépio, as prendas, o sino, no contexto desta festividade devem ser vistos como símbolos que têm uma conotação religiosa. Perante a análise da tabela assim como da leitura total das planificações percebemos que nem sempre esta conotação é atribuída, são executadas atividades meramente manuais sem que seja dado um significado a estes símbolos. Se analisarmos isoladamente os objetos percebemos que existe uma diferenciação entre eles. Em relação à árvore de Natal não existe uma explicação prévia do seu significado, o porquê de se decorar uma árvore, parte-se apenas do pressuposto conhecimento da criança da existência da decoração desta, não achando necessário fazer a criança perceber o porquê da sua existência e deste ritual de enfeite. O mesmo se passa com o sino e os postais.

Já no caso da estrela e do presépio estes são entendidos como símbolos com uma conotação religiosa, isto porque no trabalho realizado sobre o nascimento de Jesus estes elementos são referidos no conto desta história e assim é compreendido, por parte das crianças, o porquê da sua existência.

Embora possa existir uma preocupação com o significado de cada símbolo todos eles contribuem para esta evidente maioria de percentagem destinada a atividades dirigidas à expressão plástica.

Em relação ao ponto mais forte da existência desta festividade, o nascimento de Jesus, podemos perceber que, sendo a maioria das atividades relacionadas com o Natal de carácter manual, a carga religiosa não é muito valorizada. Se observarmos todos os jardins de infância implicados neste estudo só em três destas instituições é abordada a história do nascimento de Jesus. Em conformidade com o que podemos analisar nesta tabela não é dado grande importância à componente religiosa, e quando existe alguma referência, esta é feita de uma forma mais lúdica e ténue.

## 1.2 Análise das entrevistas realizadas às Educadoras

Nesta fase do trabalho, foi feita uma análise às entrevistas realizadas a cinco educadoras, as quais são responsáveis pelas salas onde se executaram as planificações analisadas, existindo assim uma correspondência direta entre os vários dados recolhidos.

No que diz respeito às concepções sobre a formação e percurso profissional, estas são muito análogas, em termos de anos de serviço, e de permanência no jardim de infância atual. Em termos de anos de serviço, verifica-se um intervalo entre os 29 e os 33 anos, ou seja em termos de experiência profissional não se verifica um grande desfasamento. Quanto à permanência no jardim de infância, quatro das educadoras estão no mesmo estabelecimento de ensino há oito anos.

Analisando as respostas das educadoras é conclusivo que na maioria das questões, estas têm uma opinião muito consensual. No que diz respeito à abordagem das épocas festivas nos jardins de infância todas as entrevistadas mencionaram que esta é pertinente. “Acho que são épocas bastante marcantes até porque... são festividades que também são vividas e experienciadas em família portanto acaba por trasvazar da família para o jardim de infância” (Educadora B). No festejo do Natal isto verifica-se porque a maioria das crianças, que frequentam estes estabelecimentos de ensino, são de religião Cristã e pelo facto de o respeito por cada criança estar sempre presente, e não se impor crenças e costumes, assim o mais valorizado desta época festiva, nesta faixa etária, são os valores e estes, são de facto iguais para todos.

Quando é focada a abordagem de épocas festivas que dizem respeito a uma determinada cultura/ religião todas concordam com esta abordagem mas mencionam que é importante não impor nada e respeitar cada criança. “Existe uma diversidade de contextos culturais e de formas de ver o mundo que devem ser respeitados e partilhados” (Educadora D). Assim, como no festejo de épocas festivas tendo no grupo uma criança de outra cultura/religião todas as educadoras citaram que o importante é respeitarem essas crianças e facilitar “o conhecimento dos diferentes usos, costumes e tradições, valorizando-os” (Educadora A). Para todas as educadoras entrevistadas, a multiculturalidade não é um obstáculo mas sim uma mais-valia, uma troca de experiências enriquecedoras tanto para quem partilha como para quem recebe esses conhecimentos, permitindo que as crianças possam adquirir valores que lhes permitam conviver com o mundo e a sua desmedida diversidade cultural.

Para reforçar o facto de a multiculturalidade estar cada vez mais presente nas escolas portuguesas, todas as entrevistadas já tiveram no seu grupo de trabalho crianças de culturas/religiões diferentes, o que mostra que cada vez mais a multiculturalidade está presente nos estabelecimentos de ensino e as educadoras devem estar munidas de estratégias adequadas às diferenças entre as crianças. E quando esta situação acontece, 3/5 das educadoras entrevistadas referem a necessidade de partilhar com as outras crianças as diferenças da festividade da época em causa, e “quando são referidos rituais, hábitos, festividades de outras culturas dá-se voz às crianças e reconhecem-se como uma mais-valia” (Educadora E). Com esta percentagem podemos verificar que o multiculturalismo nos jardins de infância é visto como algo favorável, dando a oportunidade de aumentar os conhecimentos acerca de outras culturas.

No que se refere ao Natal, quando é questionado como iniciam esta época, a maioria refere que o faz através do conto da história do nascimento de Jesus. Importa sublinhar que algumas educadoras reforçam a leveza com que fazem este conto, sem grande carga religiosa, “os factos do nascimento de Jesus, apresento-os como uma história, que vale o que vale como história, nunca como facto religioso consumado” (Educadora B), direcionando para os valores inerentes “amor, carinho, paz, harmonia, entre outros valores não menos importantes” (Educadora A).

Na continuidade do trabalho em volta do Natal, 4/5 das entrevistadas mencionam a necessidade de salientar os valores presentes nesta época festiva, assim como “aspectos associados à vivência de valores afetivos, de partilha, de solidariedade, de aceitação, de paz, de fraternidade e de interajuda” (Educadora D). Embora exista esta referência aos valores, a maior parte do tempo destinado a esta festividade não é o trabalho realizado em volta destes. Note-se que quatro destas entrevistadas mencionam que um dos aspetos que mais tempo preenche são as decorações e os trabalhos manuais em volta da preparação de uma festa de Natal, tais como construção dos enfeites para a árvore de Natal, assim como das figuras presentes no presépio, a elaboração das decorações para o espaço onde se realiza a festa de Natal e a realização de um postal e de um presente de Natal.

Na questão que abrange a pertinência da carga religiosa neste nível etário, 4/5 são claras na sua opinião, afirmando que não acham muito importante. Fazem-no de uma forma mais leve, “ não é preciso colocar muita carga, basta identificar a família e a história de uma forma muito leve” (Educadora C). A opinião expressa pelas educadoras entrevistadas acerca da carga religiosa neste nível de ensino em nada

contradiz as diretrizes curriculares sobre esta matéria, sendo que tanto as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar, as Metas de Aprendizagem, a lei de bases do sistema educativo e a constituição não mencionam a componente religiosa como parte das aprendizagens na educação pré-escolar.

Fazendo o contraponto entre a pertinência da abordagem específica de épocas festivas direcionadas para uma dada cultura/religião e as OCEPE, sendo que estas referem que é necessário “fomentar a inserção da criança em grupos sociais diversos, no respeito pela pluralidade das culturas, favorecendo uma progressiva consciência como membro da sociedade.” (p.15), percebemos que 4 /5 deixa bastante claro que acha pertinente esta abordagem se existir respeito por cada criança e a sua cultura. Entendem existir pertinência porque “a maioria é católica, com os seus níveis de catolicismo mas é católico. E o respeito por cada criança está acima de tudo” (Educadora B). Estas educadoras assumem-se como respeitadoras da cultura/religião de cada criança mas acham que não existe qualquer obstáculo à comemoração de uma época festiva direcionando-a para uma religião, que está representada na sala de atividades como maioria pelas crianças dessa mesma religião.

## CONCLUSÃO

O presente Relatório Final de Estágio exprime o culminar de mais uma etapa da nossa formação e é aqui que refletimos sobre o nosso percurso académico, dando especial atenção aos dois últimos semestres, sendo esses os que nos proporcionaram maior contacto com os dois níveis de ensino para os quais ficamos habilitados profissionalmente.

No que respeita à reflexão crítica da nossa prática supervisionada, tentámos ser reflexivas, descrevendo os contextos e as atividades, mas também demonstrámos de que forma estes contribuíram para a nossa formação e nos auxiliaram nesta contínua evolução. Refletimos, também, sobre as competências que desenvolvemos ao longo deste percurso académico, permitindo este exercício crítico compreender que a unidade curricular de PES foi essencial para a nossa formação profissional, visto que nos possibilitou desenvolver competências e conhecimentos profissionais tanto ao nível do 1.º Ciclo do Ensino Básico como da Educação Pré-Escolar. Os conhecimentos que fomos adquirindo ao longo do mestrado em articulação com a prática profissional tornaram possível conhecer melhor estes dois níveis de ensino e perceber a sua importância,

No que à investigação diz respeito, procurámos perceber qual a perspetiva de alguns Educadores sobre a forma como é trabalhado o Natal na educação pré-escolar.

De acordo com as análises feitas às planificações e às entrevistas, concluímos que, no geral, o Natal é visto com uma época com bastante importância e como tal é-lhe dada a devida atenção, tendo à sua disposição por volta de duas semanas de trabalho.

O festejo do Natal neste nível de ensino é entendido, pelas educadoras titulares, como uma comemoração com o seu valor cristão, com consciência da multiculturalidade presente nas escolas de hoje, e nunca esquecendo o respeito por cada criança e a sua cultura. Assim, a abordagem desta época festiva é vista com a maior pertinência. Na opinião destas docentes tudo depende da forma como são entendidas e respeitadas as diferenças entre as culturas/religiões. Seja em que contexto for nada deve ser imposto, deve existir respeito pelas crianças e pelas decisões das famílias, ou seja, deve ser tido em conta o que a família solicita, dentro daquilo que esta acha razoável de ser trabalhado tendo em conta a sua

cultura/religião. Assim deve existir um cuidado em relação ao que a família permite que a criança execute ou participe no festejo do Natal, sem que haja discriminação em relação a esta. Para que a relação entre as crianças não saia prejudicada, as diferenças e as escolhas devem ser abertas e explicadas a todas elas, para que a criança em questão não se sinta posta de parte.

Podemos então concluir que, para a população deste estudo, se o respeito pelas crianças e pelas culturas das mesmas existir, a abordagem do Natal com o seu significado na educação pré-escolar é pertinente.

No que concerne à crescente multiculturalidade, estas docentes estão seguras de que este facto só vem acrescentar conhecimento de diferentes culturas e em nada prejudica esta partilha em sala de atividades. Este facto pode ainda ser um ponto de ligação entre as famílias e a instituição, na medida em que, a partilha de conhecimento em ambiente de aprendizagem pode partir das famílias de culturas diferentes.

Assim, estamos perante duas formas de trabalhar o Natal na educação pré-escolar, aquela que dá valor ao significado do Natal e àquilo que ele acarreta, tal como os seus simbolismos, e por outro lado aquela que se ofusca com a necessidade de exhibir algo que seja palpável, que seja visível ao olhar. A materialização dos símbolos de Natal é algo que está muito patente no trabalho executado nos jardins de infância. A necessidade de mostrar às famílias o trabalho desenvolvido nesta época natalícia faz com que muito do tempo destinado a esta festividade seja ocupado por atividades de construção de materiais.

Não podemos esquecer de referir que muito do trabalho feito nesta época de Natal tem por base outros temas, tal como a família, de onde, maioritariamente parte a exploração do Natal, assim como está presente a referência dos valores intrinsecamente ligados a esta festividade. O tema da família é explorado anteriormente a esta época festiva o que proporciona uma boa ligação entre os temas, isto porque é feita uma ponte entre a constituição das famílias com a família de Jesus. A extensa presença de valores importantes no Natal contribui para um trabalho indispensável à formação das crianças enquanto ser humano. A partilha, a solidariedade, a aceitação, a paz, a fraternidade e a interajuda, são valores imprescindíveis para a formação de futuros cidadãos.

Refletindo sobre os resultados concluímos que, dada a impossibilidade de referência de diretrizes, pelos documentos orientadores para a educação pré-escolar, sobre a especificidade da comemoração de uma época festiva por diferentes culturas, e a inevitável interpretação pessoal de acordo com as vivências de cada educador, é

difícil encontrar na prática a forma exímia de trabalhar o Natal na educação pré-escolar.

## BIBLIOGRAFIA **por favor verificar se está correta**

- Alarcão, I. (1996). *Reflexão crítica sobre o pensamento de d. Schön e os programas de formação de professores*. In *formação reflexiva de professores - estratégias de supervisão*. I. Alarcão et al. (pp. 9-40). Porto: Porto Editora.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bernstein, B. (1996). In *Diálogo Entreculturas*. (n.º 18, p.2), Ed. Morata, Madrid.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora
- Bruyne, P., Herman, J. & Schoutheete, M. (1991) *Dinâmica da pesquisa em ciências sociais – Os pólos da prática metodológica*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.
- Cortesão, L. (1991). *O conceito de educação multicultural*. Inovação, Lisboa.
- Cortesão, L. (2001). *Acerca da Ambiguidade das Práticas Multiculturais – Necessidade de Vigilância Crítica Hoje e Amanhã*. In D Rodrigues (org.), *Educação e Diferença – Valores e Práticas para uma Educação Inclusiva* (pp.49 – 58). Porto: Porto Editora.
- Ketele, J-M. (1999). *Metodologia da recolha de dados: fundamentos dos métodos de observações, de questionários, de entrevistas, e de estudo de documentos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Martins, E. C. (1998). *Desigualdade e Identidade no Discurso da Diversidade. A Educação Intercultural como uma Pedagogia de “Baixa Densidade”*
- Pereira, A. (2004). *Educação Multicultural – Teorias e Práticas*. Porto: Asa Editores.
- Santos, M. (1990). *A religião popular portuguesa*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Scheffler, I. (1968). University scholarship and the education of teachers, *Teacher college record*, 70 (1).1-12.
- Sá, L. L. Z. R. & Reis (2001). *Pedagogia diferenciada – Uma forma de aprender a aprender*. Cadernos do CRIAP n.º 19. Asa Editores, Porto.

## **LEGISLAÇÃO**

Decreto-Lei nº 240/2001, de 30 de agosto

Decreto-Lei nº 241/2001, de 30 de agosto

Decreto-Lei nº 5/97, de 10 de Fevereiro

# APÊNDICES

DESIGNAÇÃO DOS BLOCOS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	TÓPICOS/QUESTÕES
<p><b>BLOCO A:</b> Legitimação da entrevista e motivação.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado;</li> <li>- Assegurar a confidencialidade das informações;</li> <li>- Valorizar o contributo do entrevistado.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Situar o entrevistado no contexto da investigação e no tema da entrevista;</li> <li>- Criar um clima de abertura e confiança;</li> <li>- Solicitar a autorização para o registo da entrevista.</li> </ul>
<p><b>BLOCO B:</b> . Conceções sobre a formação, percurso profissional e o papel do educador de infância.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Recolher alguns dados pessoais da educadora;</li> <li>- Recolher alguns dados sobre a sua formação e experiência profissional;</li> <li>- Reconhecer as suas conceções sobre a atividade docente.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Em que ano concluiu a sua formação inicial?</li> <li>- Que qualificações académicas possui?</li> <li>- Há quantos anos leciona?</li> <li>- Há quanto tempo está neste jardim de Infância?</li> </ul>

<p><b>BLOCO C:</b> Conceções dos educadores sobre o trabalho de épocas festivas, nomeadamente o Natal.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Recolher alguns dados sobre a opinião dos educadores acerca da importância e pertinência desta época festiva</li> <li>- Recolher alguns dados sobre a abordagem desta época festiva</li> <li>- Recolher alguns dados sobre a opinião dos educadores acerca da legislação que diz respeito ao trabalho com crianças implicando culturas/religiões diferentes</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Qual a sua opinião sobre a abordagem das épocas festivas nos jardins-de-infância?</li> <li>- Qual a sua opinião sobre a abordagem das épocas festivas que dizem respeito a uma determinada cultura/ religião?</li> <li>- Como vê o facto de se festejar essas épocas tendo no grupo crianças de culturas/religiões diferentes? Algum dia se verificou essa situação?</li> <li>- Quais os cuidados que têm em relação às crianças de culturas diferentes?</li> <li>- Como inicia a abordagem ao Natal?</li> <li>- Quais os aspetos que salienta desta época, nas secções em sala de atividades?</li> <li>- Acha pertinente a abordagem da carga religiosa desta época neste nível de aprendizagem?</li> <li>- De acordo com a legislação acha pertinente a abordagem específica de épocas festivas direccionadas para uma dada cultura/religião?</li> </ul>
--	---	---

## **Guião da entrevista**

- Em que ano concluiu a sua formação inicial?
- Que qualificações académicas possui?
- Há quantos anos leciona?
- Há quanto tempo está neste jardim de Infância?
- Qual a sua opinião sobre a abordagem das épocas festivas nos jardins-de-infância?
- Qual a sua opinião sobre a abordagem das épocas festivas que dizem respeito a uma determinada cultura/ religião?
- Como vê o facto de se festejar essas épocas tendo no grupo crianças de culturas/religiões diferentes?
- Algum dia se verificou essa situação?
- Quais os cuidados que têm em relação às crianças de culturas diferentes?
- Como inicia a abordagem ao Natal?
- Quais os aspetos que salienta desta época, nas secções em sala de atividades?
- Acha pertinente a abordagem da carga religiosa desta época neste nível de aprendizagem?
- De acordo com a legislação acha pertinente a abordagem específica de épocas festivas direcionadas para uma dada cultura/religião?